

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM JORNALISMO PARTICIPATIVO NO BRASIL¹

ANDRÉ HOLANDA

UFBA, Brazil

CLAUDIA QUADROS

UTP, Brazil

JAN ALYNE BARBOSA SILVA

UFBA, Brazil

MARCOS PALACIOS

UFBA, Brazil

Copyright © 2008
SBPjor / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

RESUMO

A dimensão participativa do jornalismo pode ser caracterizada, de maneira ampla, pela criação e implementação de mecanismos que possibilitem envolver o público em diferentes etapas dos processos de coleta, criação, análise e distribuição de notícias. A forma de compartilhar informações tem se mostrado bastante variável em diferentes sistemas de comunicação participativos, como fóruns, blogs e sites de tipo *open source*. Em maior ou menor medida, o jornalismo se transforma à medida que o fenômeno colaborativo cresce. Dan Gillmor (2004) sugere que os leitores ao assumirem o papel de repórteres modificam a sua interação com a notícia: da simples leitura passam à conversação. Shane Bowman e Chris Willis (2003) defendem que a participação ativa dos cidadãos possibilita a oferta de informações mais confiáveis, independentes e relevantes. O modo participativo de fazer jornalismo tem despertado o interesse de diversos pesquisadores em todo o mundo, como Deuze (2003, 2005, 2006), Gillmor (2004), (2006), Axel Bruns (2005), Stephen D. Reese, Lou Rutigliano, Kideuk Hyun e Jaekwan Jeong (2007), dentre outros.

Key-Words: jornalismo, participativo, blogs, *open source*.

INTRODUÇÃO

Preliminarmente, contudo, é necessário assinalar que nem sempre os sinônimos empregados (jornalismo cívico, jornalismo público, jornalismo de fonte aberta, jornalismo comunitário e jornalismo cidadão) para jornalismo participativo são apropriados ou equivalentes. Este é o caso de jornalismo cívico, também conhecido como jornalismo público (TRAQUINA, 2002). Jornalismo participativo e jornalismo cívico têm

algumas características em comum, como a participação do público enquanto produtor de conteúdo e a valorização da pluralidade de vozes. O jornalismo cívico surgiu no final da década de 1980, nos EUA, como uma proposta para atrair mais leitores, que andavam descrentes com os conteúdos dos jornais. O jornalismo participativo é criado por comunidades organizadas em rede a partir de interesses em comum. Para os seus membros, o importante é a conversa, a colaboração e a igualdade colocando-se acima de considerações de lucro. Ainda que uma corrente possa receber influência da outra e sofra mutações com o passar do tempo, há necessidade de rediscutir tais definições.

Para o físico David Bohm (*apud* DUARTE, 2003) a ampliação de conceitos é benéfica quando rompe com o uso viciado de palavras, pois permite repensar seus significados e possibilita a emergência de novas abordagens teóricas e metodológicas. No entanto, as generalizações comprometem um estudo científico, sobretudo quando observamos que as ações de cada corrente para atingir o mesmo fim, a participação do público, estão entremeadas, só para citar um exemplo, por políticas de comunicação distintas. Estudos no Brasil apontam preocupações com as generalizações dessas correntes (MIELNICZUK, 2007), outros tentam desvendar características adentrando à tênue fronteira de cada uma delas (SANTOS, 2007). Até mesmo alguns sites de jornalismo cidadão tentam mostrar algumas diferenças. No site brasileiro *Overmundo*, por exemplo, o jornalismo participativo é definido como meios que incluem comentários dos leitores nas matérias e o colaborativo está relacionado ao ato de duas ou mais pessoas contribuírem na elaboração de conteúdos jornalísticos. Por outro lado, jornalismo de fonte aberta incluiria a possibilidade de qualquer pessoa alterar um conteúdo de uma página na web (FOSCHINI e TADDEI, 2006).

Entendemos que os conceitos são mais complexos, pois como destacado anteriormente, muitas das características dessas correntes são semelhantes. Steve Outing (2005) recorda que “o jornalismo participativo não é um conceito simples que possa ser universalmente aplicado a todas as organizações noticiosas.” Não pretendemos aqui sistematizar conceitos, mas mostrar que eles são importantes no desenvolvimento teórico-metodológico de uma pesquisa. Nesse sentido, recuperar a participação do público ao longo da história dos meios de comunicação tem sido uma tática recorrente em estudos nacionais e estrangeiros. Enquanto investigadores historicam essa participação, provando que a preocupação em dar voz ao cidadão não é nova², as pesquisas valorizam a observação das relações comunicativas.

O pesquisador holandês Mark Deuze (2003, 2005, 2006), com diversos trabalhos sobre jornalismo participativo, tenta compreender justamente as relações comunicativas estabelecidas entre cidadãos, jornalistas e meios. Deuze (2006) analisa a participação como um dos elementos essenciais da cultura digital, que para ele é composta por fenômenos on-line e off-line. Por isso, acompanha a evolução da participação do público nos meios com a revisão de teóricos clássicos e contemporâneos da comunicação e áreas afins. Esse procedimento possibilita a criação de um modelo para estudos de caso do jornalismo on-line, publicações abertas e blogs. Esses casos são intercalados com descrição de objetos e realidades, revisão e crítica da literatura, além da proposição de conceitos. Numa pesquisa conjunta, Mark Deuze, Axel Bruns e Christoph Neuberger (2007) também adotam o estudo de caso para verificar como o jornalismo está se preparando para uma era de notícias participativas, quando jornalistas e amadores trabalham de forma conjunta. As práticas de jornalismo participativo analisadas são da Holanda, Alemanha, Austrália e Estados Unidos. Entre os principais aspectos investigados, estão o grau de participação do usuário, a regra de profissionais jornalistas, a motivação de administradores e participantes, conflitos entre editores e usuários e a percepção sobre os êxitos e os fracassos dos projetos.

A contribuição do pesquisador Axel Bruns (2003, 2004) para a pesquisa sobre jornalismo participativo também pode ser percebida em uma série de artigos de caráter exploratório que resultou no livro *Gatewatching. Collaborative online news production* (2005). Trata-se de um esforço de análise e construção conceitual baseado em estudos de caso, como *Slashdot*, *Indymedia*, *Wikipedia*, *Media Channel*, *Plastic* e *Kuro5hin*. Por meio dessa metodologia, seus estudos visam dar a conhecer o grau de abertura de cada site à participação do público em três fases da produção noticiosa: a captação, a publicação e o comentário. Bruns compara índices como a centralização organizacional, a rigidez dos papéis atribuídos ao público e a sua mobilidade entre os diferentes papéis produtivos. Outra variável estudada em cada caso é a importância da função de *gatewatching* na captação e na construção do conteúdo. Este conceito designa a observação - atualmente realizada também pelo público - de diversos canais de comunicação em busca de material interessante que não tenha sido selecionado pelos critérios da mídia convencional, ou tenha sido apresentado de maneira insatisfatória no julgamento do observador. Como fica evidente, trata-se de uma atividade crítica em relação à seleção e filtragem dos fatos

noticiáveis, tradicionalmente características da função de *gatekeeping*. O *gatematching* seria a atividade peculiar das formas de publicação que constam na proposta apresentada no livro (BRUNS, 2005) para uma taxonomia de formas participativas de publicação, abrangendo blogs, publicações P2P, jornalismo de fonte aberta, wikis etc.

No que se refere às metodologias de análise de conteúdo, merece também destaque o trabalho recente (2007) de Reese, Rutigliano, Hyun e Jeong, da Universidade do Texas, em Austin. A investigação assenta-se na análise de postagens em seis dos mais importantes blogs de informação política nos Estados Unidos. Baseados em padrões de classificação de *ranking* do *Technorati*, os pesquisadores selecionaram para observação três blogs liberais (*Points Memo*, *Atros* e *Daily Kos*) e três conservadores (*Instapudit*, *Andrew Sullivan* e *Little Green Football*). Quatro questões básicas para investigação foram colocadas pelos autores: a) em que medida os blogs fazem linkagens com a mídia profissional e que tipo de links são esses?; b) como a filiação política dos blogs se relaciona com as linkagens para a mídia profissional?; c) como a filiação política dos blogs se relaciona com as escolhas de seus links?; d) como a filiação política dos blogs se relaciona com links internacionais e autores? Os padrões de linkagem dos blogs foram quantificados e classificados, gerando um mapeamento de links. A análise do padrão de linkagem que emergiu permitiu aos pesquisadores uma discussão das questões de investigação propostas. As conclusões apontam para uma ampliação da esfera pública como efeito do funcionamento da blogosfera, mas igualmente constatou-se que uma maioria de links remetia para notícias produzidas pela mídia profissional, numa indicação de que, longe de suplantam a “mídia tradicional”, a blogosfera estaria desenvolvendo um importante mercado secundário para seus produtos. Se por um lado, a função crítica e de *gatematching* de fato acontece, na maioria dos casos, a linkagem estava direcionada para comentários opinativos sobre o assunto levantado pela mídia profissional ou simplesmente sua indicação de leitura. Uma informação de qualidade produzida pela mídia profissional pode adquirir uma muito maior capacidade de circulação e visibilidade, através de sua difusão via blogosfera, o que também colabora para uma maior “sobrevivência” da informação, que permanece por mais tempo sob escrutínio público nesse circuito ampliado.

Os pesquisadores citados mostram que os métodos de investigação devem ser adaptados às visões teóricas, tal como propõem Montgomery e Duck (1991). “Enfatizamos que o valor de um determinado método só pode ser avaliado não somente em relação a seu propósito, como

também em relação aos pressupostos que vão com ele ou que são construídos dentro dele.” (idem: 5) Para os autores, os procedimentos também necessitam se adequar às perguntas elaboradas para a pesquisa, além, é claro, de observar os resultados de diversos estudos que utilizam metodologias distintas.

Metodologias aplicadas nos estudos brasileiros

No Brasil, também cresce o interesse pelo fenômeno do jornalismo participativo. Neste estudo optamos por analisar a metodologia de investigações sobre blogs e modelos interativos de publicação jornalística. Para a seleção inicial, utilizamos o banco de teses e dissertações da Capes – Coordenação de Pessoal de Nível Superior, ligada ao Ministério da Educação do Brasil. Também são citados alguns artigos sobre o tema, sobretudo por sua relevância. As bases de dados disponibilizadas pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação também foram consultadas após a verificação da sua existência no registro da Capes. É importante frisar que na base de dados da Capes até o momento não constam teses de doutorado no campo da comunicação sobre blogs ou outras formas de jornalismo participativo.

Um dos principais propulsores da comunicação participativa: os blogs

Os blogs, com um pouco mais de uma década de existência, são considerados um importante fenômeno propulsor do jornalismo participativo. Por meio deste sistema de comunicação todo cidadão pode contribuir na construção de uma história/narrativa. A cada dia são criados, em média, 120 mil novos blogs, ainda que, evidentemente, nem todos tenham continuidade. De acordo com os dados do relatório da *Technorat*³, muitos blogs independentes são mais acessados que os meios *mainstream* (SIFRY, 2007). No início, os meios tradicionais ignoraram ou hostilizaram os blogs; desde meados de 2000, no entanto, tem havido um crescente movimento de sua adoção por diários digitais de diversos países, seja através de blogs produzidos por jornalistas ligados ao próprio veículo, seja abrindo espaço no portal para a criação de “blogs de leitores”.

O fenômeno blog tem sido acompanhado e caracterizado por pesquisadores brasileiros sob diferentes perspectivas. Os blogs são observados como diários íntimos na rede (CARVALHO, 2001; SIBILIA, 2003 e SCHITTINE, 2004), um local de conversação de comunidades virtuais (RECUERO, 2003a; PRIMO e SAMANIOTTO, 2005), um sistema

de comunicação que transformou o jornalismo (RECUERO, 2003 b; SILVA, 2003; QUADROS et. al., 2005; QUADROS e SPONHOLZ, 2006); um espaço de autoria e identidade na web (ADGHIRNI, 2006), um meio que empresta características do jornalismo cor-de-rosa (AMARAL e QUADROS, 2006), uma possibilidade para socialização on-line de pessoas com necessidades especiais (PASSERINO e MONTARDO, 2007), um potencial dialógico e democrático (ALDÉ et. al., 2007), um herdeiro direto do webjornalismo (ESCOBAR, 2007), uma forma que começa a ganhar credibilidade (CHRISTOFOLETTI e LAUX, 2006 e CHRISTOFOLETTI, 2007), uma força capaz de pautar a atuação das indústrias culturais tradicionais (BOLAÑO e BRITTO, 2007) e um alargamento do campo do jornalismo (PALACIOS, 2007). Priorizamos neste artigo as investigações que explicitam a metodologia e discutem possíveis relações entre blogs e jornalismo.

As primeiras pesquisas sobre o tema no Brasil datam de 2003. Naquele ano, Raquel Recuero propõe em seus artigos uma classificação para analisar os vários tipos de blog. Seus estudos contribuíram para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema e, por esse motivo, ainda serão abordados neste capítulo. Jan Alyne Barbosa Silva (2003) aparece na Capes como a autora da primeira dissertação, no Brasil, sobre o assunto no campo da comunicação, com ênfase em jornalismo, buscando sistematizar elementos constitutivos de um blog (ferramentas e páginas) que resultam na interação entre blogueiros e leitores. Para observar a relação simbiótica entre jornalismo e blogs (Hiller, 2002), novas habilidades e desafios para a profissão (LASICA in: P. M. M., 2003), Silva realizou uma pesquisa com blogueiros para mapear alguns dos usos e apropriações técnicas e sociais das ferramentas e páginas. Já Paulo Munhoz (2005), buscou caracterizar, por meio de um estudo exploratório e de mapeamento, novas formas de estruturação da mensagem fotográfica e modelos de produção e circulação da imagem nos blogs e nos veículos de pauta aberta.

Artur Vasconcellos Araújo (2005) realizou um estudo de caso dos blogs brasileiros *Observatório da Imprensa* e *No Mínimo* com a intenção de verificar os usos que as duas organizações midiáticas faziam deste sistema de comunicação. Para tanto, identificou e analisou aspectos quantitativos (volume de material produzido, por meio da análise dos arquivos, frequência ou ritmo de produção das matérias, tamanho da notícia e a natureza dos temas tratados) e qualitativos (buscando aplicar conceitos advindos da Teoria da Enunciação à análise dos textos publicados).

Outras pesquisas também abordaram a influência da blogosfera na mídia tradicional. Por exemplo, Quadros e Sponholz (2006) fizeram um estudo comparado do uso de blogs jornalísticos nos meios *mainstream* do Brasil e da Alemanha. A intenção da pesquisa foi tentar responder três principais questões: “O que é notícia para esses blogs? Por que recebem a denominação de blogs? Quais são as principais tendências deste sistema que provocou transformações no jornalismo?”. Bolaño e Brittos (2007) perceberam que certos blogs, sobretudo os jornalísticos, “têm influência no agendamento da mídia hegemônica” (idem: 2). Josiany Fiedler Vieira (2007) registrou a evolução dos blogs a partir do conceito de remediação (BOLTER e GRUSIN, 1999), destacando referências que tratam o blog como diário pessoal que ganha as páginas da web, passando do privado ao público, bem como situando autores que observam os blogs como um fenômeno que modifica o fazer jornalístico com a participação do público. No estudo de caso do blog de Ricardo Noblat, Vieira (2007) faz uma análise de conteúdo de postagens que mostram a interação comunicacional entre o blogueiro e o leitor, a opinião do autor e os recursos multimidiáticos utilizados. O estudo é complementado com entrevistas em profundidade com o Ricardo Noblat e outros blogueiros. Estudos anteriores já dedicavam atenção a Noblat, considerado o primeiro jornalista brasileiro a criar um blog político. Inara Souza da Silva (2006) verificou os blogs como fonte de informação para os jornalistas, utilizando diversos métodos de pesquisa: estudo de caso, observação sistemática, entrevistas em profundidade e análise de conteúdo do Blog do Noblat.

À medida que aumenta o interesse dos meios *mainstream* por esse sistema de comunicação, cresce o número de pesquisadores brasileiros interessados em pesquisar aspectos relacionados com a credibilidade dos blogs. Rogério Christofolletti e Ana Paula Laux (2006), com base em estudos *survey* realizados em diversos países, inclusive no Brasil, discutem os blogs como um sistema de reputação e por meio de estudos de caso tentam verificar a relação comunicacional entre blogueiros e leitores. Em cinco blogs jornalísticos brasileiros analisados (*Querido Leitor*, *No Mínimo*, *Blog do Reinaldo Azevedo*, *Blog do Josias de Souza* e *Blog do Noblat*) os autores observam a média diária de postagens, comentários de leitores no período analisado, média de comentários, relação comentários/postagens e destaque para postagens mais comentadas.

A relação comunicacional ainda é verificada na investigação de Alessandra Aldé, Juliana Escobar e Viktor Chagas (2007), que classificam os doze blogs políticos analisados em três categorias: os abrigados em um grande portal, os independentes (anônimos ou assinados) e os de

jornalistas ou autores. Para Aldé (et. al.) a participação do público pode ser considerada mais como um complemento de uma opinião do que um debate. É “uma modalidade de conversação, que se não é civil no sentido de perscrutar as soluções mais racionais para os interesses públicos, é certamente o lugar de posicionamento, paixão, política e expressão da opinião pública.” (2007: 37).

Enquanto Blood (2002) percebe os blogs como uma mídia participativa, Escobar (2007) discorda. Para ela, os blogs são elaborados, em sua maioria, por um único indivíduo, logo o blogueiro (agente primário) é quem decide sobre a existência ou não de um agente secundário, os leitores. Escobar ainda propõe uma classificação, que vai de 0 a 4 graus, para compreender a relação comunicativa do dono do blog jornalístico e seus agentes secundários. Quanto mais alto o grau de um blog, mais possibilidades o agente secundário tem para participar.

Ao considerar a diversidade da blogosfera, que permite inúmeras classificações que podem ir de diários pessoais a noticiosos, muitas das pesquisas e artigos aqui relacionados buscam categorizar os blogs para compreender o fenômeno sob a perspectiva estudada. Ao criar uma tipologia certamente o pesquisador corre riscos, como aponta Abraham Moles (1995): risco de reduzir a realidade a alguns elementos, risco de separar os grupos e determinar o centro da gravidade de cada um deles, risco ao rejeitar alguns grupos diferentes ainda que provisoriamente. Por isso, cabe ao pesquisador apresentar um conjunto de coordenadas na tentativa de descrever as características mais típicas de cada grupo. Mas, como destaca Moles, “(...) reduzir o real a elementos fundamentais não significa nunca que no final da sua análise se não possa voltar a sentir insatisfação e recomençar a análise em um outro nível de precisão, *ad infinitum*” (idem, 105). Nesse sentido, as classificações elaboradas em estudos anteriores selecionados para este artigo não devem ser descartadas, mas analisadas e adaptadas para um próximo estudo.

Por exemplo, Raquel Recuero repensou a tipologia de blogs criada por ela em um estudo anterior sobre interações sociais (2003a) para analisar o jornalismo realizado em warblogs da guerra no Iraque (2003b). Recuero dividiu neste último estudo os blogs em cinco categorias: diários eletrônicos (fatos pessoais), publicações (informações de modo opinativo), literários (histórias fictícias), clippings (informações publicadas em outros lugares) e publicações mistas (informação e fatos pessoais). Sua tipologia contribuiu para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas e inspirou outras propostas de classificação, como a apresentada no estudo “Blogs e as Transformações do Jornalismo”

(QUADROS et. al., 2005). Nesta última, há uma maior concentração no campo do jornalismo. Enquanto a tipologia proposta por Recuero separa os blogs de acordo com narrativas, a de Quadros acrescenta também um registro da evolução dos blogs e das variações no jornalismo.

Palacios (2007) partiu de idéias sugeridas por Sorrentino (2006) e buscou aprofundá-las e aplicá-las a casos brasileiros. Partindo da noção de campo, desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, Palacios buscou identificar efeitos produzidos pela heterodoxia de funcionamento dos blogs, com relação ao *habitus* do campo jornalístico: a) Subversão do Lugar de Emissão (“Liberação do Pólo de Emissão”); b) Questionamento do *habitus* do Campo (quem é jornalista?); c) Tensões sobre os critérios de Noticiabilidade (o que deve ser noticiado?); d) Vigilância da mídia tradicional; e) Ampliação do debate (esfera pública); f) Blogs como potenciação do chamado *Public Journalism* (participação, *grassroots journalism*); g) Criação de um movimento de superação da audiência tradicional e formação de redes de participação. O trabalho ilustra as idéias apresentadas a partir do funcionamento de uma série de blogs brasileiros.

Formas participativas de webjornalismo

As metodologias utilizadas nos estudos sobre modelos interativos de publicação jornalística na web fazem parte desta seção, que ainda inclui a discussão de conceitos sobre jornalismo de fonte aberta. Enquanto no blog⁴ prepondera a marca individual do blogueiro, nas demais formas de jornalismo participativo a principal característica é a colaboração entre os envolvidos. Das pesquisas levantadas para este estudo, também observamos a atenção dedicada às relações interacionais e comunicacionais proporcionadas por essas formas que incorporam ferramentas e métodos dedicados ao aprimoramento, por meio da colaboração entre os participantes, da informação publicada.

Diversos estudos brasileiros exploram o potencial do modelo de produção conhecido como “*Open source*”; seja em artigos e monografias (SCHWINGEL, 2004), (SILVAJR., 2004), (ANTOUN, 2004), (HOLANDA, 2004), (QUADROS, 2005), (BRAMBILLA, 2005), (BREIER, 2004), (EVANGELISTA, 2006), (PRIMO e TRÄSEL, 2006), (ANTOUN e PECINI, 2007), (BELTRÃO, 2007), (FONSECA e LINDEMANN, 2007); seja em dissertações (RIGITANO, 2004), (MUNHOZ, 2005), (BRAMBILLA, 2006), (HOLANDA, 2007) e (TRÄSEL, 2007).

Na maioria dos artigos predomina o caráter exploratório e é grande o esforço para uma busca conceitual. Verifica-se que “*open source journalism*”

vem ganhando espaço como um conceito fundamental para a compreensão do fenômeno (BREIER, 2004), (QUADROS, 2005), (BRAMBILLA, 2005 e 2006) etc. Vale notar a ausência de uma proposta exclusiva para um “jornalismo wiki”, apesar deste modelo de publicação apresentar especificidades importantes, como a completa eliminação da autoria individual que não faz parte necessariamente da proposta do código aberto. Frequentemente, surgem como sinônimos os termos *Open Source Intelligence* - OSI, jornalismo de publicação aberta (SCHWINGEL, 2004), (HOLANDA, 2004) ou jornalismo de pauta aberta (MUNHOZ, 2005).

A tradução mais comum para o português é jornalismo de código aberto. Porém, em Silva Jr. (2004), temos a designação jornalismo de “fonte aberta”, buscando, além da relação com o *software*, pôr em relevo o papel desempenhado pelo objeto em questão num contexto de abertura dos canais de publicação para as entidades e grupos que costumavam ser apenas fontes primárias do jornalismo. Também Holanda (2007) adota tal perspectiva, tanto pelos argumentos de Silva Jr. quanto pela definição de Inteligência de Fonte Aberta apresentada por Stalder (2005). A maioria dos pesquisadores prefere tornar explícito o fato de que o jornalismo de fonte aberta é uma espécie do gênero jornalismo participativo.

Inevitáveis divergências conceituais transparecem nas investigações estudadas. Para Brambilla (2006) o *Wikinews* não faz parte do *Open source journalism*, uma vez que segundo a autora, por falta da autoridade editorial, as notícias nunca superam a versão beta⁵. Pela razão inversa, ou seja, a manutenção da autoridade editorial no *Ohmynews*, Holanda (2007) não o considera um veículo de fonte aberta, aceitando o modelo wiki como um caso extremo, porém válido. Já Marcelo Träsel (2007) aceita ambos os objetos apesar de preferir ater-se à definição de webjornalismo participativo para descrever seu objeto de estudos, não porque não reconheça a influência do *software open source*, mas por valorizar os aspectos estritamente comunicativos.

Ocorrem menções constantes a conceitos instrumentais como aqueles apresentados no influente trabalho de Anita Chan (2002), que utiliza frequentemente definições como publicação colaborativa ou rede colaborativa de notícias (SCHWINGEL, 2004), (BELTRÃO, 2007), (HOLANDA, 2007). Outra presença muito constante (FONSECA e LINDEMANN, 2007), (HOLANDA, 2007) e (TRÄSEL, 2007) como operador das análises realizadas é o conceito de *gatewatching* de Axel Bruns (2005) abordado no início deste capítulo.

Paulo Munhoz (2005), como destacado anteriormente, considera o papel desempenhado pela fotografia no jornalismo participativo. Trata-se

de um esforço de mapeamento que, através de pesquisa bibliográfica e estudos de caso, identifica “novos aspectos formais do fotojornalismo na era das redes” (MUNHOZ, 2005: 18). Para Ana Maria Bambrilla (2006), o que interessa é o papel do jornalista frente a este novo público participante. Ela recorre à pesquisa bibliográfica, à observação participante e entrevistas com cidadãos-repórteres do *Ohmynews* de diferentes países escolhidos aleatoriamente, com pesquisadores sobre o assunto e com integrantes da redação do jornal coreano. Brambilla não se interessa pela análise de conteúdo, mas sim pela interação entre jornalistas e público e suas regras. Para tanto, fez uma descrição da estrutura do site, dos procedimentos envolvidos na interação do usuário com o site.

André Holanda (2007) observa a relação do jornalismo de fonte aberta com o público por meio de estudos de caso: *Indymedia*, *CMI*, *Slashdot*, *AgoraVox*, *Wikinotícias* e *Wikinews*. A análise de conteúdo é adotada para acompanhar o noticiário dos sites, registrando todos os emissores, temas, origens, fontes das informações publicadas, interfaces gráficas e estruturação das tarefas de edição com a intenção de verificar poderes e limites que o público possui na interação com as equipes que mantêm os sites. Marcelo Träsel (2007) utiliza a análise de conteúdo, buscando estabelecer até que ponto as contribuições e intervenções do público ampliam os aspectos jornalísticos dos artigos publicados no *Wikinews* e *Kuro5hin*, criando um jornalismo realmente multiperspectivista, tal como estabelecido por Gans (*apud* BRUNS, 2005). Os dados foram coletados durante sete dias, em sete semanas alternadas, totalizando dez artigos válidos como textos iniciais e intervenções a eles relacionadas. O autor considera “texto inicial” a primeira versão de uma matéria publicada no *Wikinews*, sobre a qual os colaboradores irão trabalhar diretamente, bem como a proposta de matéria enviada para a fila de edição no *Kuro5hin*, à qual serão atreladas sugestões de mudanças e opiniões sobre os fatos narrados.

Considerações finais

Estudos sobre jornalismo participativo na rede mundial de computadores são recentes e, normalmente, as metodologias utilizadas são adaptadas a partir de estudos anteriores sobre o tema. O estudo de caso, muitas vezes, vai além da descrição e, por meio de uma metodologia híbrida, tenta-se analisar de modo quantitativo e qualitativo o objeto em questão. Observamos que há um predomínio de investigações que valorizam as relações comunicativas. Lucrecia Ferrara (2003) argumenta que essas relações comunicativas é que tornam a ciência mais viva. O

conhecer “por meio de” torna-se mais amplo por circular “entre sujeitos, objetos, idéias e máquinas.” (idem:59)

As tipologias apresentadas pelos pesquisadores brasileiros são variadas, tanto no que se refere aos blogs quanto aos modelos interativos de publicação jornalística, numa tentativa de registrar a evolução dessas formas de comunicação participativa. O maior problema é que diversas pesquisas sobre o assunto não descrevem de forma satisfatória a metodologia adotada e muitos conceitos são generalizados em detrimento de uma base teórica sólida. Algumas vezes importantes estudos sobre jornalismo participativo também são ignorados, impedindo o avanço do campo do jornalismo.

Montgomery e Duck (1991) acreditam que a falta de sincronia entre a teoria e a metodologia pode estar atrelada ao desenvolvimento de ambas. Enquanto as perspectivas teóricas sobre determinado fenômeno surgem com mais frequência, a criação de novos métodos é mais rara. Além disso, para os autores, muitos pesquisadores tentam explicar um fenômeno com base na observação de outros fatos diferentes. No entanto, acreditamos que os estudos sobre o jornalismo tradicional não devem ser colocados de lado no momento de analisar o fenômeno do jornalismo participativo. É evidente que necessitamos de novas perspectivas teóricas e metodológicas, mas as aproximações históricas permitem observar o que há de realmente novo no jornalismo participativo. E como destacam Montgomery e Duck, “pesquisadores não devem apenas acompanhar as idéias emergentes sobre interação; eles devem também estar constantemente envolvidos com a reavaliação, o reajustamento e a remodelação de seus métodos.” (1991: 11)

Na certeza de que o conhecimento não se constrói apenas a partir do esforço individual de um pesquisador (MAIA e FRANÇA, 2003), procuramos indicar alguns estudos brasileiros sobre o tema. A listagem é certamente incompleta e deve ser tomada como ponto de partida para um mapeamento mais amplo.

| NOTAS

- 1 Este artigo faz parte do livro *Metodologias para o Estudo dos Cibermeios: Estado da Arte & Perspectivas*, organizado por Javier Díaz Noci e Marcos Palacios. O livro foi editado pela UFBA em 2008.

- 2 No Brasil, em 1970, a imprensa popular promovia o debate sobre problemas sociais com a comunidade. De acordo com Cicília Peruzzo, a comunicação popular também é denominada de comunitária, participativa, dialógica e horizontal (Peruzzo, 1998). Para conhecer mais sobre a história da relação da imprensa brasileira com o público, ler “Jornalismo Cidadão”, de Alzira Alves de Abreu. O artigo, publicado pela Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 31, 2003: 25-40, está disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/339.pdf.
- 3 <http://www.technorati.com>
- 4 Está claro que não ignoramos a existência dos blogs coletivos, mas lembramos o uso mais comum deste formato. Além disso, apontamos que a sua marca individual é valor preponderante da própria relação entre o blogueiro e seu público.
- 5 Versão de protótipo que antecede o lançamento oficial na indústria de *software*. O programa é distribuído gratuitamente para testes realizados pelos usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Z. L. *Perfil do profissional em ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web*. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, Porto Alegre. Anais do IV Encontro da SBPJOR, 2006.
- ALDÉ, A. ; CHAGAS, Viktor ; ESCOBAR, Juliana . *A febre dos blogs de política*. Revista FAMECOS, v. 33, p. 34, 2007.
- AMARAL, Adriana e QUADROS, Claudia Irene de. *Agruras do blog: o jornalismo cor-de-rosa no ciberespaço*. Contracampo (UFF), v. 14, p. 111-128, 2006.
- ANTOUN, Henrique. *Jornalismo e Ativismo na Hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia*. In Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, RS, EDIPUCRS, nº 16, 001, 2004.

- ANTOUN, Henrique e PECINI, André Custódio. *A Web e a parceria: projetos colaborativos e o problema da mediação na Internet* In: XVI Encontro Nacional da COMPÓS, Curitiba. Anais do XVI Encontro Nacional da Compós, Universidade Tuiuti do Paraná. 2006.
- ARAUJO, A. V. *Weblog e jornalismo: os casos de No Mínimo Weblog e Observatório da Imprensa (Bloi)*. Dissertação defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.
- BELTRÃO, Felipe Barros. *A comunicação colaborativa na Internet: o caso do Overmundo*. In: IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, Intercom, 2006.
- BLOOD, Rebecca. *The weblog handbook : practical advice on creating and maintaining your blog*, Perseus Publishing, 2002.
- BOLAÑO, Cesar e BRITTOS, Valério. *Blogosfera, espaço público e campo jornalístico: o caso das eleições presidenciais brasileiras de 2006*. In: V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR, Aracaju. Anais do V Encontro da SBPJOR, 2007.
- BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. *We Media: how audiences are shaping the future of news and information*. Reston, Virginia: The Media Center at The American Press Institute, 2003. In: http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf.
- BRAMBILLA, A. M. *Jornalismo open source em busca de credibilidade: como funciona o projeto coreano OhmyNews International*. In: INTERCOM, Rio de Janeiro. XXVIII Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, 2005.
- BRAMBILLA, A. M. *A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source*. Sessões do imaginário, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.
- BRAMBILLA, A.M. *Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 2005.

- BREIER, Lucilene. *Not always stuff that matters. Um exercício de relação entre Slashdot e o pensamento de Michel Maffesoli*, 2004. In: <http://www.bocc.ubi.pt>. BRUNS, Axel. *Gatewatching. Collaborative online News production*. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2005.
- CARVALHO, Rosa Meire. *Diários Íntimos na era digital: diários públicos, mundos privados* in LEMOS, André e PALACIOS, Marcos (org) – *Janelas no ciberespaço: comunicação e cibercultura*, 2º edição, Sulina, 2001.
- CHAN, Anita. *Collaborative News Networks*. Distributed Editing, Collective Action and the Construction of Online News on *Slashdot.org* , 2002. In: <http://web.mit.edu/anita1/www/thesis/Intro.html>.
- CHRISTOFOLETTI, R. ; LAUX, A. P. F. *Blogs jornalísticos e credibilidade: cinco casos brasileiros*. *Communicare*, São Paulo, v. 6, p. 71-82, 2006.
- CHRISTOFOLETTI, R. *Credibilidade jornalística e reputação na blogosfera: mudança entre dois mundos*. In: V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - *SBPJOR*, Aracaju. Anais do V Encontro da *SBPJOR*, 2007.
- DEUZE, Mark. *Participation, Remediation, Bricolage: Considering Principal Components of a Digital Culture*. *The Information* 22 (2), pp. 63-75, 2006.
- DUARTE, Eduardo. *Por uma epistemologia da comunicação*, In LOPES, Maria Immacolata Vassalo Lopes. *Epistemologia da Comunicação*, São Paulo, Edições Loyola, pp. 41- 54, 2003.
- ESCOBAR, Juliana . *Blogs jornalísticos: propondo parâmetros para uma definição mínima*. In: V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - *SBPJOR*, Aracaju. Anais do V Encontro da *SBPJOR*, 2007.
- FERRARA, Lucrecia . *Epistemologia da comunicação: além do sujeito e aquém do objeto*, pp. 55 – 67. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo Lopes. *Epistemologia da Comunicação*, São Paulo, Edições Loyola, 2003.
- FOSCHINI, Ana Carmen e TADDEI, Roberto Romano. *Jornalismo Cidadão*.

Você faz a notícia, 2006. In: <http://www.overmundo.com.br/banco/conquiste-a-rede-jornalismo-cidadao-voce-faz-a-noticia>

FONSECA, V. P. S. ; LINDEMANN, C. *Jornalismo participativo na Internet: repensando algumas questões técnicas e teóricas*. In: XVI Encontro Nacional da COMPÓS, Curitiba. Anais do XVI Encontro Nacional da Compós. Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

GILLMOR, Dan. *We the Media – Grassroots Journalism by the People, for the People*. Hardcover, O'Reilly Media, Inc, 2004.

HILER, J. *Blogosphere: the emerging Media Ecosystem. How Weblogs and Journalists work together to Report, Filter and Break the News*, 2002, In: <http://www.microcontentnews.com/articles/blogosphere.htm>

HIRSH, J. e STALDER, F. *Open source intelligence*. First Monday, 7(6), 2002. In: http://www.firstmonday.dk/issues/issue7_6/stalder/index.html

HOLANDA, André. *Credibilidade, Participação e Contestação. O Processo de Construção da Informação o Centro de Mídia Independente (CMI)*. Projeto experimental de conclusão de curso. FACOM/UFBA, 2004. In: http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_projetos.htm

HOLANDA, André. *Estratégias de abertura: O jornalismo de fonte aberta dos casos Indymedia, CMI, Slashdot, Agoravox, Wikinotícias e Wikinews*. Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, 2007.

LASICA, J.D. In: P.M.M. *Jornalismo Desafiado por Novo Formato*, 2003. In: <http://jornal.publico.pt/publico/2003/05/04/Media/R01CX01.html>

MAIA, Rouseley e FRANÇA, Vera. A comunidade e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos, pp 186 -203. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo Lopes. *Epistemologia da Comunicação*, São Paulo, Edições Loyola, 2003.

MUNHOZ, P. *Fotojornalismo, Internet e participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta*. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2005.

- MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo participativo nas redes digitais: uma ruptura*. Artigo apresentado na VI Bienal Iberoamericana de Comunicación, Córdoba, Argentina, 2007. In: <http://www.gof.com.ar/a2/mesasweb/mesa16.html>
- PALACIOS, Marcos. *Os Blogs e o alargamento do campo jornalístico*, trabalho apresentado no Seminário Cultura e Pensamento (MINC/MEC), Recife, 2007, 2007. In: <http://docs.google.com/Preseentatio> n?docid=adf4grpvm38_758f66zf&hl=en.
- PASSERINO, Liliana. MONTARDO, S. *Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais (PNE)*. E-Compós (Brasília), v. 8, p. 1-18, 2007. In: http://boston.braslink.com/compos.org.br/e-compos/adm/documentos/ecompos08_abril2007_passerino_montardo.pdf.
- PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria R. *Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus*. E-Compos, v.1, n. 5, 2006 In: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>.
- PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.
- QUADROS, Claudia Irene de; ROSA, Ana Paula e VIEIRA, Josiany. *Blogs e as Transformações no Jornalismo*. Revista da E-Compos número 3, 2005. In: <http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos>
- QUADROS, Claudia Irene de. *A participação do público no webjornalismo*. E-Compos Dezembro- 17/17, 2005. In: <http://www.compos.com.br/e-compos>
- QUADROS, Claudia Irene de. SPONHOLZ, Liram. *Deu no Blog Jornalístico: É Notícia?* In: *Os desafios do jornalismo digital para a próxima década*, nos anais do V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.
- SIBILIA, Paula. *A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público/privado*. In Intercom, Belo Horizonte. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003.

- SIFRY, David, *The State of the Live Web*, April 2007. *Technorati*, 5 de abril de 2007. In: <http://www.sifry.com/alerts/archives/000493.html>.
- SCHITTINE, Denise. *Comunicação e escrita íntima na Internet, Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 2004.
- OUTING, Steve. *The 11 layers of Citizen Journalism*. St. Petersburg, Flórida: Poynter Institute: 15 jun.2004. In: http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=83126. Acesso em: 27 out. 2007.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*, 2003 a In: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>
- RECUERO, Raquel da Cunha. *Warblogs: os blogs, a guerra no Iraque e o jornalismo on-line*. In Intercom, Belo Horizonte. XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003b.
- REESE, Stephen D. RUTIGLIANO, Kideuk Hyun e JEONG, Jaekwan. *Mapping the Blogosphere: professional and citize-basd media in the global news arena* in: *Journalism* 8; 235, 2007.
- RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. *Redes, TIC's e Ciberativismo: uma análise do Centro de Mídia Independente - Brasil*. Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, 2004.
- RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. *Os filtros e o jornalismo participativo: uma proposta de análise da seleção de notícias no Centro de Mídia Independente*. 404nOtF0und, ano 5, vol 1, n. 48• novembro, Salvador, 2005. In: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_48.htm.
- SANTOS, Marielle S. *A arte narrativa na rede das redes: quando o jornalismo digital se aproxima do novo jornalismo*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.
- SCHWINGEL, Carla. A. *O sistema de publicação do Centro de Mídia Independente*. Artigo apresentado no V Congresso Iberoamericano de Periodistas em Internet, 2004.

- SILVA JR. José Afonso da Silva Júnior. *A interface como estrutura de produção do jornalismo de fonte aberta*. In Intercom. Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004.
- SILVA, I. S. *Weblog como fonte de informação para jornalistas*. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, 2006.
- SILVA, J. A.B. *Mãos na mídia: weblogs, apropriação social e liberação do pólo da emissão*. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2003.
- SILVA, J. A.B. *Repercussão Temática Jornalística Entre Líderes de Opinião nas Blogosferas Espanhola e Brasileira: Uma Proposta de Investigação Comparativa*. Trabalho apresentado no 5o. SOPCOM. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2007.
- SORRENTINO, Carlo. *Campo Giornalístico*, Carocci Editore, Roma, 2006.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo cívico: reforma ou revolução*. In: TRAQUINA, Nelson (org.) O estudo do jornalismo no século XXI. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, p. 169-184, 2002.
- TRÄSEL, Marcelo Ruschel. *A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- VIEIRA, Josiany Fiedler. *Do diário virtual ao jornalismo participativo na blogosfera: um estudo de caso do blog de Rircardo Noblat*. Dissertação defendida no Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

André Holanda é jornalista e tem mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

E-mail: andre.holanda@terra.com.br

Claudia Quadros é jornalista e doutora em Comunicação. É professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná e coordenadora do grupo de Pesquisa JORXXI.

E-mail: claudiaquadros@hotmail.com

Jan Alyne Barbosa Silva é jornalista e tem mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Faz parte do corpo discente do doutorado do mesmo programa da UFBA.

E-mail: janalyne@gmail.com

Marcos Palacios é jornalista e doutor em Sociologia. Professor titular da Universidade Federal da Bahia e pesquisador com bolsa produtividade do *CNPq*, ele também coordena o grupo de pesquisa GJOL.

E-mail: palacios@ufba.br